

Marisa Lajolo
Regina Zilberman

Prefácio
Roger Chartier

**LITERATURA
INFANTIL BRASILEIRA**

**UMA
NOVA**

**OUTRA
HISTÓRIA**

 **PUCPRESS**  **FTD**

Marisa Lajolo
Regina Zilberman

Prefácio
Roger Chartier

**LITERATURA
INFANTIL BRASILEIRA**

**UMA
NOVA**

**OUTRA
HISTÓRIA**

 PUCPRESS

FTD

Curitiba
2018

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

L191L
2017 Lajolo, Marisa
Literatura infantil brasileira : uma outra / nova história / Marisa Lajolo,
Regina Zilberman. – Curitiba : PUCPRESS, 2017.
152 p. : il. ; 23 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-68324-42-4

1. Literatura infanto-juvenil – História e crítica. 2. Literatura infanto-juvenil
brasileira. I. Zilberman, Regina. II. Título.

18-008

CDD 20.ed. – 809.89282

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Paula Cristina Trevilatto

Conselho Editorial

Auristela Duarte de Lima Moser

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Eduardo Biacchi Gomes

Evelyn de Almeida Orlando

Jaime Ramos

Léo Peruzzo Júnior

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Vilmar Rodrigues Moreira

PUCPress – Editora Universitária Champagnat

Coordenação editorial

Michele Marcos de Oliveira

Editor

Marcelo Manduca

Editora de arte

Solange Freitas de Melo Eschípio

Administrativo

Larissa Conceição

Revisão

Amanda Rodrigues Soares

Camila Fernandes de Salvo

Capa, projeto gráfico e diagramação

Solange Freitas de Melo Eschípio

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração
6º andar - Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
ABRINDO O LIVRO	11
LITERATURA INFANTIL E JUVENIL PARA ALÉM DO LIVRO	17
1. Pode haver “livro depois do livro”?	18
2. “Que coisa é o livro?”	23
3. E a literatura?	27
4. Novas fronteiras	31
5. Autores e leitores <i>on-line</i>	35
5.1 Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski	35
5.2 Leo Cunha	38
5.3 Angela Lago	40
6. Entre as antigas fronteiras	44
7. “Tudo ao mesmo tempo agora”	52
O PESO DOS NÚMEROS E DAS INSTITUIÇÕES	55
1. O mercado editorial	57
2. A profissionalização dos agentes da cadeia do livro	62
3. A interferência da escola e o papel do estado	67
NOVOS TERRITÓRIOS DE CRIAÇÃO PARA CRIANÇAS E JOVENS	79
1. Livros de histórias sobre histórias	80
2. Um novo indianismo	88
3. Presença do não verbal	101
PODE HAVER LIVRO, LEITURA E LEITORES PARA ALÉM DA ESCOLA?	115
1. Uma ficção pra lá de fantástica	118
2. Herança e transformação da literatura feminina	126
FECHANDO O LIVRO	135
REFERÊNCIAS	138
ÍNDICE REMISSIVO	146

PREFÁCIO

Este livro sutil e sábio de Marisa Lajolo e Regina Zilberman, a propósito da história da literatura brasileira para crianças e jovens dos trinta últimos anos, permite refletir sobre três apostas mais fundamentais de nosso tempo.

A primeira diz respeito à relação entre nossas definições tradicionais do “livro” entendido como um discurso que tem suas próprias características e as possibilidades técnicas oferecidas pelo mundo digital. Descrevem as duas modalidades desta relação. A primeira modalidade quer manter, na nova técnica de publicação dos textos, os critérios que a partir do século XVIII definiram o que é um “livro”: a originalidade da escritura, a identidade sempre reconhecível da obra e a propriedade literária de seu autor. As edições digitais de obras que já têm uma larga história impressa exemplificam o esforço de libertar-se de formas e conceitos, através de textos móveis, abertos, maleáveis, que podem ser palimpsestos e polifonia.

A segunda modalidade deriva da inventividade dos criadores de literatura infantil e juvenil. Neste caso, são as possibilidades digitais que propõem gêneros, objetos, criações irredutíveis à forma impressa. São no cenário digital “alternativas de criação”. Não se limitam à introdução na cultura do livro dos gêneros da rede (e-mails, blogs, links), senão que produzem criações que são, segundo as expressões das autoras, “hibridismo de linguagens” ou “amalgamas de linguagens”. O *site* substituiu o livro, a liberdade do leitor, que pode escolher entre opções narrativas, ao absolutismo do texto, e, muitas vezes, a gratuidade do acesso ao comércio editorial. A aposta não é sem importância, pois pode levar tanto à introdução na textualidade eletrônica de alguns dispositivos capazes de perpetuar os critérios clássicos de identificação de obras, na sua identidade e propriedade, quanto ao abandono dessas categorias para inventar uma nova maneira de compor novas produções estéticas que exploram uma “plurimidialidade” mais rica que a simples relação entre texto e imagens e que localizam o leitor numa posição que permite escolhas ou mesmo participação.

A segunda aposta discutida neste livro refere-se à relação entre o mundo digital e o mercado editorial, já que a edição na sua forma comercial clássica se apresenta como a forma dominante da circulação das novas criações digitais.

Enfatizam Marisa Lajolo e Regina Zilberman dois elementos: por um lado, “situação de precariedade de práticas leitoras” no Brasil, por outro, a importância das políticas públicas de aquisições dos livros para as escolas. Concordam, assim, com os dados levantados pela pesquisa *Retratos da leitura no Brasil e as políticas públicas* e publicados neste ano de 2016 por José Castilho Marques Neto, que mostram os efeitos positivos das políticas nacionais da leitura e a escrita.

Entre 2011 e 2015, a população dos leitores aumentou no Brasil de 6%, passando de 50% a 56%. Não parece muito, mas na escala do Brasil significa que 16 milhões de pessoas iniciaram-se em prática de leitura. Os instrumentos deste crescimento foram a renovação das bibliotecas públicas, as feiras do livro, as manifestações literárias, os apoios na edição. O desafio do presente é manter ou acrescentar estas intervenções que associam a leitura e a cidadania. No momento em que existe a forte tentação de dismantelar as políticas e instituições públicas, e não só no Brasil, a primeira responsabilidade dos governos e da sociedade é a defesa do direito ao saber e à poesia dos mais vulneráveis dos cidadãos.

A terceira aposta contemplada pelo livro de Marisa Lajolo e Regina Zilberman vincula-se à relação ou ausência de relação entre as leituras propostas ou impostas pela escola e as novas produções da literatura infantil e juvenil. Depois da análise dos tópicos originais dessas criações, constatam as autoras: “ainda que não ostensivamente voltadas para o circuito escolar, obras que tematizam outras criações literárias, tratam das culturas indígenas ou investem solidamente na dimensão visual do objeto livro, também circulam entre carteiras e alunos.” A mesma conclusão se impõe para o gênero da “*fantasy fiction*” inaugurado por *Harry Potter*.

Dáí as questões finais do livro. Deve a literatura infantil e juvenil tornar-se “aliada explícita da pedagogia” ou ficar fora da escola para manter seu “caráter libertário”? Devemos atribuir à inventividade dessa literatura, que se vale de “procedimentos metalinguísticos e intertextuais”, um papel decisivo no incremento, não somente dos tempos de leitura dos jovens, senão também na difusão de competências de leitura capazes de favorecer o desfrute das invenções literárias? E se é o caso, como articular aprendizagem escolar e leituras livres tanto digitais como tradicionais?

Marisa Lajolo e Regina Zilberman obrigam seus leitores a dar resposta às questões que assim formulam. É o grande mérito do seu elegante livro.

Roger Chartier

Surgirá a História Nova do Brasil em suas verdadeiras dimensões. Na medida em que ela surgir é que o país se transformará naquilo que todos desejamos – em que o povo brasileiro bem merece.

Joel Rufino dos Santos¹

¹ SANTOS, Joel Rufino et al. *História Nova do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1965. V. I, p. XI.

ABRINDO O LIVRO

Que não parece razão
Nem seria cousa idônea
Por abrandar a paixão,
Que cantasse em Babilônia
As cantigas de Sião.

Luís de Camões²

² CAMÕES, Luis de. "Sôbolos rios que vão". In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 501.

Literatura infantil brasileira: uma nova / outra história constitui uma apresentação da literatura brasileira para crianças e jovens em circulação no Brasil nos últimos trinta anos. Não obstante constituir obra independente, autônoma e autorreferenciada, ela dialoga com outros livros nossos, especialmente com *Literatura infantil brasileira: história e histórias* (1984) e *Um Brasil para crianças* (1986).

Nas últimas décadas do século passado, a literatura infantil ganhou status acadêmico, oferecendo-se enquanto campo de investigação original e estimulante para os estudos literários. Na esteira de trabalhos pioneiros como *Problemas de literatura infantil* (1950),³ de Cecília Meireles (1901-1964), e de *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes* (1968),⁴ de Leonardo Arroyo (1918-1986), a década de 1980 abre-se com a publicação de *A literatura infantil: história, teoria e análise* (1981),⁵ de Nelly Novaes Coelho, que, no ano seguinte, publica seu *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira*.⁶

Os trabalhos de Nelly Novaes Coelho marcam, com a concretude do livro impresso e com a chancela da Universidade de São Paulo, a maturidade da área, que também passou a integrar currículos de cursos de Letras. De lá para cá e particularmente no século XXI, articulados com a expressiva produção do setor, multiplicam-se livros, ensaios, dissertações de mestrado e teses de doutorado, cursos e eventos voltados para a literatura infantil e juvenil. É neste contexto que surge, desenvolve-se e amadurece este *Literatura infantil brasileira: uma nova / outra história*.

Tratar livros para crianças e jovens enquanto *literatura* implica conferir-lhes o mesmo status da literatura não infantil e, conseqüentemente, considerá-los aptos a receber o idêntico tipo de reflexão voltado àquela. Implica, assim, considerar seu estudo habilitado a desenvolver-se através de metodologias e epistemologias formuladas *a partir de* e desenvolvidas *a propósito da* literatura não infantil e vice-versa.

³ Cf. MEIRELES, Cecília. *Problemas de literatura infantil*. 2. ed. São Paulo, Summus, 1979.

⁴ Cf. ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira. Ensaio de preliminares para sua história e suas fontes*. São Paulo, Melhoramentos, 1968.

⁵ Cf. COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil. História, Teoria, Análise*. São Paulo, Quíron, Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.

⁶ Cf. COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira. 1882-1892*. São Paulo, Quíron, 1983.

Com tais pressupostos, nossos livros anteriores *Literatura infantil brasileira: história e histórias* e *Um Brasil para crianças*, seguindo a lição de estudos clássicos da literatura brasileira, formatam em épocas o panorama da literatura infantil brasileira que delineiam, estabelecendo traços textuais e temáticos característicos de cada período, elencando seus autores representativos e discutindo suas criações. A portabilidade desejável para *Literatura infantil brasileira: história e histórias*, que pretendia, como efetivamente conquistou, largo trânsito na graduação universitária, aconselhou a migração para outro título – *Um Brasil para crianças* – a extensa antologia de textos representativos de cada época. De um título para o outro, um movimento de condensação e ilustração.

Examinados em perspectiva, do livro de 1984 para o de 1986, desferiu-se um trajeto de afinamento, representado pela busca e discussão de elementos cada vez mais básicos e estruturantes de textos voltados para crianças e jovens. Como contrapartida deste afinamento da visada que norteou as obras de 1982 e 1986, dez anos depois, *A formação da leitura no Brasil* (1996) desferiu trajetória oposta. Em um *zoom* significativo, discute práticas sociais através das quais se forma e se desenvolve (ou não se forma, nem se desenvolve...) o público brasileiro, do qual faz parte o leitorado de livros infantis e juvenis.

Transposto o ano 2000, o novo século – com a sedução dos números redondos – aguçava a curiosidade e propunha desafios: que sistematização poderia trazer, dialogando com os livros anteriores – *Literatura infantil brasileira: história e histórias* e *Um Brasil para crianças* –, a reflexão para mais perto dos dias atuais? Afinal, o que dizer no século XXI, quando a discussão de eventuais danos e vantagens representados pelos quadrinhos se substituiu pela discussão de eventuais vantagens e desvantagens representadas pelo *e-book* e pelos games (capítulo I)? Se os livros anteriores propunham uma determinada forma de olhar e discutir a produção de literatura infantil brasileira em circulação até a década de setenta do século XX, que debates e olhares suscitava a extensa produção posterior a 1980 (capítulo II)?

O primeiro aprendizado que a questão patrocinou foi que o espantoso volume da produção de livros infantis e juvenis (capítulo II) proscrescia de forma radical a retomada do modelo cronológico dos livros anteriores. Ao longo das várias decisões que precisaram ser tomadas durante a longa ruminação e elaboração deste livro, também se confirmou

a velha lição de que *quantidade* afeta *qualidade*, entendida essa última, aqui, não no sentido de avaliação positiva, mas no sentido de *natureza*, de *modo de ser* dos seres do mundo, inclusive de livros. O gigantismo da produção da área permitiria ainda a discriminação autor por autor ou a delimitação de épocas? Salvo em algumas passagens, a tradicional apresentação autor a autor ou obra a obra pareceu desaconselhável.

A grande produção contemporânea de livros que hoje circulam entre crianças e jovens – quer por sugestão escolar, quer por leitura espontânea, quer por compra governamental, quer por aquisição individual – parece proscrever qualquer categorização ortodoxa de títulos.

O panorama cultural das últimas décadas sofreu alterações profundas. Inclusive – e talvez sobretudo – na área de livros infantis e juvenis.

A literatura para crianças e jovens, mais do que a literatura não infantil, mostra-se sensível a esse panorama, marcado pela intensa movimentação política de segmentos sociais pouco expressivos até as décadas finais do século XX. Recortada por legislação que, de forma crescente a partir da aprovação e promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996/1997), pauta a leitura escolar, transforma-se a cadeia que vai da produção ao consumo de livro destinados à infância e juventude.

Concebendo a literatura enquanto um sistema por meio do qual obras, autores e públicos interagem a partir de condições sociais que diferentes momentos históricos proporcionam,⁷ o novo contexto cultural do país afeta a literatura infantil e juvenil (apenas ela?) desde seu modo de produção até sua forma de circulação, multiplicando as (outras) linguagens com as quais precisa dialogar.

À medida que esta percepção se foi impondo, pareceu-nos pouco produtiva qualquer ordenação cronológica de épocas, tendências, autores ou obras. Foram então abandonadas propostas de abordagem individual de autores e de obras, exceto quando obras e autores davam concretude à discussão de uma ou outra tendência.

Assim, este *Literatura infantil brasileira: uma nova / outra história*, ao longo dos capítulos que o constituem, propõe um conjunto de reflexões sobre o gênero *literatura infantil e juvenil*, focalizando-o da perspectiva que

⁷ Cf. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*. 2. ed. revista. São Paulo: Martins, 1964. 2v.

nos pareceu enriquecer o conhecimento, discussão e fruição da literatura infantil e juvenil brasileira dos últimos trinta anos.

Se a decisão foi ou não acertada, fica para os leitores decidirem.

Pois a prerrogativa maior dos leitores é discordarem dos autores que leem, o que – claro! – constitui também uma forma de diálogo.

Neste livro, Marisa Lajolo e Regina Zilberman trazem à tona e discutem novas perspectivas assumidas pela literatura infantojuvenil brasileira contemporânea.

Oferecem ao leitor um instigante percurso por livros impressos e digitais dos últimos 30 anos, discutindo rumos e práticas destas importantes produções literárias.

Talvez por isso, nas palavras de Roger Chartier, que assina o prefácio, trata-se de um livro “sutil e sábio”.

Vamos conferir?



ISBN 978-8-568-32442-4



9 788568 324424